

Maílson muda discurso

AG

Dívida Externa

Brasília, quarta-feira, 7 de junho de 1989

13

BRAZILIENSE

e já acena com moratória

SÉRGIO COSTA
Correspondente

Rio — Se o Governo brasileiro terminar não recebendo os recursos que espera dos bancos credores e do Fundo Monetário Internacional, vai adotar medidas de proteção às suas reservas. Essa foi a garantia feita ontem, no Rio, pelo ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, logo após fazer uma otimista palestra para os estagiários da Escola Superior de Guerra (ESG). Mailson apenas evitou utilizar o termo moratória, mas foi sempre incisivo sobre qual será a posição brasileira em caso de falta de recursos do setor externo. Em fevereiro de 1987, o então ministro Dilson Funaro optou mesmo pela suspensão dos pagamentos dos juros da dívida.

"Quase todos os casos de hiperinflação da história estão associados à problemas com as reservas do país", disse o ministro. "A hipótese ainda é a de que vamos contar com o fluxo de recursos necessário, mas se isto não ocorrer, vamos pensar em outra coisa. De qualquer forma, não podemos permitir, a exemplo de outros países, um processo de exaustão de nossas reservas cambiais que dificulte ou até inviabilize o controle do processo inflacionário", completou.

Mailson da Nóbrega — que, para certa surpresa dos jornalistas, estendeu sua entrevista quando tocou na questão externa — acrescentou que o Governo brasileiro está à espera de

recursos também do Japão, através do Fundo Nakasone, além do FMI e dos bancos credores. No caso do Fundo, lembrou que o Brasil se encontra em pleno processo de discussão quanto ao programa econômico para o segundo semestre deste ano. Foi especialmente enfático ao frisar que o Governo não vai atrasar a política cambial comormora de paliativo para qualquer dificuldade com suas reservas.

"Vamos continuar corrigindo o câmbio pelo Índice Geral de Preços, o IGP (da Fundação Getúlio Vargas), mesmo que ele seja superior ao índice de inflação", assinalou, garantindo que os exportadores terão a segurança da manutenção da competitividade dos preços dos produtos brasileiros no mercado interno (mesmo sem medidas como uma maxidesvalorização cambial).

REFORMA

Na prática, a análise do ministro sobre o setor externo foi muito mais em tom de resposta a análises de vários economistas, nos últimos dias, de que o Brasil estava caminhando para problemas cambiais, devido ao esgotamento de reservas, e dessa forma aproximando-se de um processo hiperinflacionário como o da Argentina. Para compensar a falta de recursos externos, já que as reservas (que seriam de 6 bilhões 500 milhões de dólares, embora Mailson não o confirmasse) seriam insuficientes para o paga-

mento dos juros, seria preciso aumentar a emissão de moeda — o que se refletiria tanto a nível de preços, quanto psicológico.

Quando, por sinal, relatou aos jornalistas os principais pontos de sua palestra na ESG, Mailson foi firme ao analisar que uma corajosa reforma do Estado seria um passo decisivo para vencer a crise econômica e ainda daria melhores condições de negociar a dívida externa. Mas ao mesmo tempo admitiu que, a nove meses do final desse Governo, "é impossível imaginar grandes mudanças no setor público".

COLLOR

Sem citar nomes, o ministro também aproveitou para criticar pontos do programa econômico do candidato do PRN à Presidência da República, Fernando Collor de Mello, como a proibição dos avais do Tesouro Nacional a empréstimos externos de Estados e municípios. "É um disparate, e prejudicial ao País. Uma das forças da negociação da dívida está exatamente na concentração do processo no Governo Federal. Imagine o meu Estado, a Paraíba, indo ao mercado financeiro internacional?", indagou.

Mailson negou a existência de qualquer outro choque econômico, desmentindo alguns jornais que ontem veicularam a iminência de novas medidas de combate à inflação que seriam anunciadas pelo presidente José Sarney.